A PEDAGOGIA NA FAMÍLIA SEGUNDO 1Jo 2,12-14

Isidoro Mazzarolo

1. Introdução

A 1Jo desenvolve uma temática típica da teologia joanina[1]: O amor vence o ódio e a Palavra de Deus torna seus filhos e filhas vitoriosos diante do Mal (Maligno = ponêron). A família é o espaço privilegiado para vencer o Mal, superar a Treva e encontrar o Amor, a Luz e a Unidade. Mesmo sem abordar a família de sangue, explicitamente, a comunidade cristã está vinculada por laços familiares[2].

A perícope 1Jo 2,12-14 está inserida na primeira grande unidade da carta onde são propostas as novas orientações da vida do cristão (1,5–3,18). As idéias mestras da unidade 1,5–3,18 são: Deus é luz e nele não existe o pecado (1,5-10); a orientação é não pecar, mas se alguém peca tem o Paráclito que o ajuda à conversão (2,1-6); um mandamento antigo que é também novo é a Palavra de Jesus (2,7-11); as exortações familiares (2,12-14); não amar o mundo, mas amar a vontade de Deus (2,15-17); os perigos do anticristo (2,18-29); aquele que peca pratica um ato a favor do demônio e se afasta da filiação divina (3,1-10); o amor recíproco é a pedagogia para combater o mundo (3,11-18).

1.1 A família sob a lei

A mudança que ocorre nas relações familiares sob a lei transforma também a forma de constituir uma comunhão de pessoas. No mundo oriental, "em teoria", o casamento continuava como um acordo entre duas famílias e depois duas pessoas (primeiro era a relação de famílias por que estas determinavam sobre seus filhos/as). A lei estabelecia que o casamento era "monogâmico" (um homem se casaria com uma única mulher), mas no Talmud havia uma determinação de *quatro* mulheres para um homem comum e de *dezoito* para um monarca ou rei (De Vaux, 1977, 35).

1. LIEU, J. *The theology of the hohannine Epistles.* O autor afirma que o tempo das Cartas de João é o mesmo do Evangelho; o contexto sociológico e teológico da comunidade indica semelhanças e os perigos externos das comunidades são os mesmos.

2. GUIJARRO, Santiago Oporto. "La família en el movimiento de Jesús", *Estúdios Bíblicos 61* (2003), 65, afirma que Jesus teve um certo desprezo pela família e assim também as primeiras gerações de cristãos, os quais, valorizavam mais a comunidade que a família. Esta observação é pertinente, pois no movimento de Jesus o que é mais forte é a pertença e o compromisso nas relações de justiça e de amor: Ouvir e colocar em prática o mesmo mandamento e a mesma palavra (Mc 3,31-35; Jo 13,34-35). Por outro lado, Jesus rejeita as formas privilegiadas com as quais eram tratados os que tinham "nome de família" e os que não tinham por nascerem em condições mais humildes. A família era sinônimo de privilégios, salvação e vida fácil para nobres, ricos ou corruptos, ou ao contrário, sofrimentos, escravidão e miséria para os que tivessem a desventura de nascer em lugares pobres, em famílias de escravos e em situações de risco. Esta desigualdade é rejeitada por Jesus, mais do que o valor familiar em si.

A legislação estabelecia um valor de compra da mulher, chamado "dote", a ser pago por uma virgem (Ex 22,16-17) abrindo um novo conceito de matrimônio: a relação entre casamento e dinheiro. Enquanto o casamento seria uma aliança de amor estabelecida desde a juventude para plenificar o amor (Ml 2,15-16), as leis do dote estabelecem relações próprias e econômicas[3]. O dote seria administrado pelo pai da noiva como um patrimônio em regime de usufruto, mas nem sempre acontecia a conservação deste valor, sendo dissipado por razões diversas (De Vaux, 1977, 37).

A legislação, passo a passo, foi dando lugar aos direitos do homem sobre a mulher, e o próprio Decálogo homologa esta diferença: O homem não pode cobiçar a mulher do próximo (Ex 20,17; Dt 5,20). A mulher passa ser considerada propriedade do marido e este exerce sobre ela toda a autoridade.

O divórcio, ou mais correto o *repúdio*, era um direito exclusivo do homem. Quando o homem se casa e depois não encontra mais graça na sua mulher (Dt 24,1-4) ou encontrou outra mais bonita, pode mandar a primeira embora, apenas com uma cartinha ou bilhete, ou mesmo só com uma palavra. A compra da esposa, pelo regime de "dote" dava ao homem o pleno direito de decidir sobre o destino e o futuro da sua mulher.

1.2 A família e a Nova Lei

As relações familiares antigas tinham como primeiro elemento estabelecer ou fortalecer vínculos com o clã. O amor, que na família antiga não tinha muito espaço, nem era um valor primário (cf. Esd 9-10), vai encontrar no Novo Testamento (NT) uma pedagogia diferente, provocativa e exigente (Mt 19,1-15). A Lei não é mais o princípio das relações familiares, por que esta tem como objeto primário a força e os interesses externos. Na nova família cristã a proposta para esta nova realidade é de que os fundamentos não estejam mais nos princípios jurídicos de direitos culturais, de consangüinidade, de pertença ao clã, mas no amor (1Jo 2,8). A família, dentro do Novo Mandamento, não está enquadrada nos parâmetros de uma nova doutrina de pureza, de velhos vínculos deteriorados ou mesmo de perfeição de comportamento moral. As leis da consangüinidade, do parentesco ou das genealogias tem um valor menor em relação à integração e inserção na comunidade. A família vive agora uma nova relação de pertença onde irmãos e irmãs de linhagens genéticas diferentes se encontram para viver e testemunhar a vontade do Pai (Mc 3,31-35).

A Nova Lei cria uma nova família cujos vínculos são o amor, a reciprocidade, o compromisso em todas as circunstâncias, a fidelidade e a solidariedade. Na nova Família o mandamento único é o testemunho do discipulado de Jesus (Jo 13,34-35). Este compromisso de vida *dos pais, dos jovens e das crianças* se expressa nessas exigências:

O amor não suporta a treva 1Jo 2,9

O amor não suporta o escândalo 1Jo 2,10

O amor não suporta o ódio 1Jo 2,11

3. MAZZAROLO, I. *Cântico dos Cânticos, uma leitura política do amor.* Porto Alegre: Mazzarolo editor, 2000, 220-222.

2. Os fundamentos da família em 1Jo 2,12-14

O texto em estudo (2,12-14) está dentro de uma grande unidade (1,5–2,28) cujo tema principal é viver na proximidade de Deus, viver na luz porque Deus é luz. A carta aborda elementos fundamentais da convivência fraterna que se alicerçam no amor e não na lei, assumem compromissos de vida e não formalidades jurídicas ou morais. Estar próximo de Deus é assumir as características de Deus. O escritor tem clareza de que a vida familiar não se sustenta pelo lado jurídico, legal ou formal, mas como aborda o profeta Malaquias (2,10-16) combatendo a criação do divórcio e da raça pura de Esdras (Esd 9–10), afirma que o alicerce do matrimônio é o amor e não a lei.

As relações familiares serão pautadas pelo Novo Mandamento (*Kainê entolê* Jo 13,34) que integra todos os tipos de pessoas que se dispõem a amar[4]. A nova família pode ser a de sangue, de origem biológica (mesmo pai e mesma mãe dentro de um grupo social) ou também a própria comunidade social onde pessoas de origem diversa, de idioma diferente e de cultura própria se integram dentro de uma mesma perspectiva, de uma única linguagem que é a do Espírito Santo (At 2,42-46). O Novo Mandamento abarca todas as criaturas, de todas as raças e de todas as proveniências. Schnackenburg acredita que o conceito de *entolê* (mandamento) nesta Carta e na teologia joanina encontra seu fundamento no valor do *mishpat* (mandamento) hebraico.[5] É importante observar que no Novo Mandamento o caráter legal fica oculto, praticamente omisso, mas o aspecto de adesão por amor está acima de qualquer outro conceito. Schnackenburg, analisando o contexto amplo da primeira parte da 1Jo 1,5–2,28 afirma que a opção pelo amor fraterno implica diretamente numa outra opção que é a rejeição ao mal. É passar da treva do mal para a luz verdadeira que é o próprio Cristo[6].

O Novo Mandamento se torna uma exigência de amar e, ao mesmo tempo, rejeitar. Acreditar no amor é viver na dimensão de uma nova realidade construtiva, dinâmica que é capaz restabelecer a Luz entre os irmãos. A dinâmica do amor não admite a convivência com a treva, o pecado ou a mentira, por isso o escritor da Carta insiste para todas as idades, visto que não há um tempo para amar e outro para fazer o contrário. O Cristo joanino se revela intransigente com os incrédulos e com aqueles que preferem ficar nas trevas em lugar de passar para o mundo da luz. O amor na nova família é diferente do amor mundano[7]. Nele, os pais têm a responsabilidade primeira pois a doação deles aos filhos quando pequenos precisa ser a mesma quando estes já crescem e se tornaram jovens. Os pais (mãe e pai) estão no centro, no coração do lar como arquétipo do verdadeiro amor para os jovens.

A – Filhinhos (*graphô* = escrevo) ... vossos pecados foram perdoados v.12

B – Pais .....(*graphô* = escrevo) ... conhecestes aquele que é desde o princípio v.13a

A – Jovens .....(*graphô* = escrevo) ... vencestes o Demônio[8] v.13b

A – Criancinhas (*égrapsa* = escrevi)[9] ...conhecestes o Pai v.14a

B – Pais . .....(*égrapsa* = escrevi)...conhecestes ...desde o princípio v.14b

A – Jovens .....(*égrapsa* = escrevi)—— a Palavra permanece em vós; vencestes o Demônio v.14c

As exortações se dividem em duas partes, segundo o tempo verbal:

1. Nos versículos 12 e 13 o tempo é presente;
2. No versículo 14 o tempo é aoristo (passado). Na primeira parte o autor está comunicando algo novo, está com os seus leitores (ouvintes) diante dele e faz as advertências e ensinamentos que julga necessários.

A hierarquia dos nomes difere nas duas secções apenas no primeiro elemento. Na primeira parte o autor usa *teknía* (filhinhos, filhos pequenos) e na segunda parte usa o termo *paidía* (criancinhas). No sentido genérico os termos podem ser considerados sinônimos visto que ambos referem ao ser humano na sua primeira fase da vida, mas no sentido estrito, o termo *teknía* tem um valor afetivo maior, ele carrega um sentido familiar mais explícito, enquanto *paidía* indica a criancinha como um tempo cronológico da vida sem a conotação familiar, podendo ser da mesma família ou não. A figura do filho está muito mais ligada à do pai, enquanto a criancinha está mais ligada ao pedagogo ou ao mestre.

4. BROOKE, A. *A critical and exegetical commentary on the Johannine Epistles*, p. 33-34, afirma que a novidade no ensinamento da Carta é que essa comunidade terá as regras do amor de Jesus Cristo.
5. R. SCHNACKENBURG, R. *As cartas de Juan*, p. 146-148. Comentando a possível compreensão e abrangência do conceito de *Entolê*, o autor afirma que ele tem o sentido de *mandamento* e não de *conselho*. Contudo, Schnackenburg não aborda a questão, que no meu modo de ver é essencial para dar o novo conceito de Mandamento: este requer a liberdade da adesão, a consciência da renúncia e a responsabilidade nas conseqüências, critérios menos explícitos no "mishpat" judaico, onde sobra a força da autoridade e as sanções da parte do legislador.
6. Para o autor (p. 147), a Luz, no conceito joanino (Jo 1,5; 1Jo 2,8) deve ser aplicadao a Jesus e não ao Pai. Jesus é a Luz do Pai que brilha no mundo e esta luz foi conhecida pelos homens e irradia a luz verdadeira que vem do alto. A Revelação se dá em Jesus Cristo e se prolonga na Igreja, no anúncio do Evangelho e na história da pregação deste amor que irradia a "Luz Verdadeira".
7. SCHNACKENBURG, R. *As cartas de Juan*, p. 158.
8. BAUER, W. *Wörterbuch zum Neuen Testament*, indica que o termo "*ponêros*" deve ser traduzido, nesta carta, como o Demônio, o Maligno, o artífice do Mal (Mt 13,19; Jo 17,15; Ef 6,16; 1Jo 2,13; 5,18-19).
9. Diversos manuscritos apresentam o verbo no presente (*graphô* = escrevo) em lugar do aoristo (*égrapsa* = escrevi): P^{74}, A,B,C,L,33, 323, 614, e outros.

2.1 Uma proposta de leitura concêntrica

- *Teknía*[10] --- (filhinhos, estão perdoados vossos pecados)
  - *Patéres* ---- (Pais, conhecestes "aquele" desde o princípio)
    - *Neanískoi* ----- (Jovens, vencestes o Maligno)
    - *Paidía* ------ (Criancinhas, conhecestes o Pai)
  - *Patéres* ------ (Pais, conhecestes "aquele" desde o princípio)
- *Neanískoi* ------ (Jovens, a Palavra permanece em vos – vencei o Maligno).

Este esquema é um pouco mais artificial, mas pode enfatizar a figura dos pais, sua responsabilidade, seu papel fundamental na vida da família, na vida da comunidade como testemunho, como exemplo e como mestres. Nesta visão concêntrica podemos ver a comunidade unida, quer ao redor de seus pais biológicos, quer ao redor de seus guias espirituais e mestres. O elemento saliente são os pais, com sua experiência anterior, sua vivência e sua bagagem de fé que serve como luz para os mais jovens. Aqui acredito que Rensberger não entendeu o sentido terminológico joanino, pois afirma que os jovens e os pais não representam diferentes segmentos da sociedade, mas um grupo inteiro, e pais e jovens seria apenas uma terminologia da retórica bíblica[11]. O autor da carta trabalha os conceitos fundamentais do amor, da luz, da verdade para a comunidade que precisa lutar contra os anticristos, ou melhor, contra o Demônio. Os tempos da Carta são tempos difíceis para as comunidades cristãs. As perseguições, as maledicências, as prisões e mortes se faziam muito presentes neste final do primeiro século e início do segundo. De um lado está a sinagoga, depois da destruição do Templo (70 dC) e dos resultados dos concílios de Jâmnia (80-85 dC), a qual não admite a presença de judeus convertidos na sinagoga e determina a sua expulsão como hereges. Do outro, está o império, o qual acata as acusações da sinagoga, e começa a desencadear algumas incursões especiais contra os "minîm" (cristãos) a partir de Nero[12].

10. Diversos documentos minúsculos substituem o termo "technía" = filhos por "paidía" = crianças, Cf. 322, 323, 945, 1241, 1739 e outros.

11. RENSBERGER, D. *1,2,3 John*, p.71.

12. MAZZAROLO, I. *Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência?*, p. 14.

1.2. Os termos no contexto da Carta

a. *Filhinhos* (teknía) indica um tratamento afetivo do autor a todos os seus leitores, não no sentido literal e sim no sentido metafórico. Todos os seus leitores (ouvintes) são filhos afetivos do autor que usa, neste particular, a psicologia do ancião, do pai espiritual da comunidade[13]. Na constituição familiar os filhos são mais jovens que os jovens, mas mais crescidos que as crianças. Mesmo que algumas vezes, no ambiente familiar, eles possam ser tratados como crianças (technia), na dimensão da Carta, filhinhos é um tratamento afetuoso, que pode ser dirigido a adultos, mas que são aprendizes no caminho da fé e das práticas evangélicas.

b. *Perdoados* (apheôntai)

O verbo "aphiêmi" sigifica lançar para fora, lançar para longe, arrancar. É uma ação de separação e distanciamento. O sentido deste afastamento relacionado com o pecado ou a falta confere o significado de perdoar. Quem perdoa também retira, apaga ou lança para longe aquilo que machucava. Perdoar é arrancar, tirar, tornar inexistente para permitir recomeçar. Algo que não está mais presente não precisa ser lembrado ou não tem mais influência como antes. Estavam esquecidos, haviam sido apagados os pecados, portanto, a comunidade já estava apta a recomeçar corajosamente sua missão.

c. *Os pecados* (hamartíai), (a vós = *hymin* ou de vós = *hymôn*)

O termo *hamartía* indica pecado, ofensa, mal cometido contra alguém. Na teologia joanina (Jo 8,21.24; 9, 41; 15,24) o pecado é uma postura contrária à verdade ou de oposição à justiça. O pecado é uma ação momentânea, uma decisão imprópria ou uma atitude infeliz que Deus perdoa ou a comunidade perdoa (Mt 16,16; 18,18). O único pecado que não obtém perdão é aquele contra o Espírito Santo porque é a resistência à verdade e ao bem fundamental na vida da comunidade e da própria pessoa (Mc 3,29; Mt 12,32; Lc 12,10).

Há um outro conceito de falta que é *opheilêma* (dívida). Este é também um pecado, mas não é usado aqui pelo escritor sagrado. A palavra dívida também é pecado, também ofende e também rompe com a justiça e a verdade. É preciso conferir à dívida o mesmo grau de responsabilidade e importância que o pecado, pois toda a dívida é um pecado. Assim como o pecado pode ser uma ofensa verbal, moral ou social, a dívida tem seus desdobramentos: econômico, moral, social.

Os pecados foram perdoados (arrancados) *a vós* (hymim), no sentido indireto. Usando a pedagogia do ancião, que tem uma experiência maior, uma vivência mais profunda da fé e do evangelho, o autor conforta a comunidade como se fossem filhos para afirmar que em Cristo seus pecados estavam perdoados. Alguns manuscritos tra-

13. RENSBERGER, D. *1,2,3 John*, p.70, discute a aplicação do termo *paidía* como determinação de todos os leitores. Se este conceito abrange todos os leitores, a quem ele quer falar com as expressões *veanískoi* e *patéres*? Rensberger não faz a distinção entre *technia e paidía*.

zem a variante no genitivo e personaliza mais a ação do perdão e, igualmente, a responsabilidade da atitude: os pecados vossos (lit. de vós) estão perdoados.

d. *Através do Nome dele* (*dia to onoma autou*)

O nome de alguém é esse mesmo alguém. Na tradição semítica o nome indicava a pessoa ou a sua representação direta. Tudo o que pertencesse a alguma pessoa é a "extensão" dela, assim o nome era a extensão da personalidade da pessoa. O segundo mandamento do Decálogo veta o pronunciamento do Nome de Deus porque seria uma bajulação à pessoa quando seu nome é anunciado de modo impróprio (Ex 20,7; Lv 19,12; Dt 5,11).

Através do Nome de Jesus, o pecado da comunidade (filhos), foi perdoado. Invocar o Nome era acreditar, confessar a fé, abraçar o Evangelho. Quem assumisse o Evangelho, invocando o Nome de Jesus, estaria obtendo o perdão dos seus pecados. Num ato de proclamação absoluta da misericórdia divina, o escritor afirma à comunidade que a fidelidade ao Evangelho, através do compromisso com o anúncio do Nome de Jesus, seus pecados haviam sido perdoados.

e. *Pais* (patéres)

Os pais são sempre uma figura de referência, quer no horizonte biológico, quer no aspecto psicológico, espiritual e social. Brooke afirma que os pais não representam laços biológicos de paternidade, mas uma experiência maior na caminhada da fé e do conhecimento de Jesus Cristo[14]. A comunidade cristã assume o caráter de uma família e os mais experientes se tornam para os mais jovens (em tempo de caminhada, não em idade) os pais, os tutores e os guias. A comunidade é a nova família, a verdadeira família onde o amor e o perdão encontram lugar privilegiado. Os pais personificam a experiência de vida, a sabedoria, a segurança e o vínculo com as gerações anteriores. Eles, no quadro familiar, são o referencial a ética, da virtude, dos valores e da religiosidade. No quadro da sociedade, eles representam a busca da vida, do sustento, da segurança social e a estabilidade da justiça. Desta forma, para as primeiras comunidades, os discípulos representavam os "mais velhos", os mais experientes e por isso os próprios pais na fé. A eles Jesus veta os defeitos dos nobres e reis que descaracterizam as relações sociais como relações familiares em virtude de serem déspotas e tiranos (Lc 22,24-25). A comunidade cristã tem que ser uma família verdadeira, que vive o exemplo, o testemunho e a missão.

f. *Conhecestes* (egnôkate) aquele que é desde o começo (ap'archês)

O verbo *ginôskô* tem um primeiro significado que é conhecer, reconhecer ou aprender. O segundo sentido seria entender ou compreender uma realidade, uma pessoa ou um fato. Um terceiro conceito é o de saber como conhecimento, como entendimento e como resultado. Por fim, pode-se acrescentar, no sentido humano do termo, o sentido de conviver, experienciar e entender o outro lado, a outra pessoa através da proximidade. Este conceito já está presente no profeta Oséias 4,1.6 (com o substantivo "da'at" = conhecimento). Os pais *conheceram* (egnôkate) aquele que é desde o começo, eles ouviram de seus antepassados as verdades e as maravilhas que Deus fez (Sl 78,3-4). Na revelação do Pai, em seu Filho, entenderam e sabem que é Jesus Cristo, sabem quem é Verdadeiro e estava desde o princípio com o Pai (Jo 1,1-3). Aquele que era desde o princípio é Luz Verdadeira (1Jo 2,5-7). Conhecer é conviver e comprometer-se. Os pais têm uma função especial dentro da comunidade, pois cabe a eles o primeiro testemunho. Aquele que é desde o princípio (cf. Gn 1,1) se chama Lógos (Palavra, realidade, existência pré-existente)[15].

g. *Jovens* (neanískoi)

Os jovens estão sob a tutela dos mestres e dos pais. Os jovens ainda precisam aprender as regras fundamentais da vida, muitos dependem dos mais velhos e por isso, na comunidade, os jovens necessitam olhar para os "pais", os mais velhos. A comunidade transforma a relação de pessoas estranhas numa nova experiência de conhecimento e convivência onde os anciãos (presbíteros) ou os mais velhos (pateres) se tornam guias e exemplo para os mais jovens. Os jovens já estão prestes a assumir, partilhar e substituir muitos pais nas diferentes tarefas da vida. Os jovens se preparam para serem pais/mães e precisam das orientações dos anciãos. Eles não são apenas promessa, já são a realidade do amanhã, eles serão amanhã o que estão sendo hoje.

h. *Vencestes* (neníkêkate)

O verbo "nikaô" indica *vencer*, ganhar ou ser vitorioso em um desafio. Os jovens são vitoriosos diante de uma grande provação: o demônio, o Mal. De que formas o Demônio tenta os jovens? Quais são as provocações que os jovens têm em ralação ao passado, aos valores transmitidos pelos pais, aos ideais de vida? Vencer o Maligno (*ponêron*) não é apenas vencer a dimensão do pecado sexual (um mandamento único), mas vivenciar o Decálogo que se resume no Novo Mandamento (1Jo 2,8), que é antigo por ser o de cada geração, de cada lugar e cada pessoa. O jovem precisa vencer o Maligno para amar de verdade, para aprender a justiça e seus limites. Os jovens venceram o Maligno. E quem são estes jovens? Na dimensão familiar, eles são os filhos que estão saindo da adolescência e se preparam para assumir a vida profissional, familiar e social. No contexto da Comunidade Joanina, eles são os cristãos novos, aqueles que es-

14. BROOKE, R. *The Johannine Epistles*, 46.

15. O termo Lógos ocupa um dos lugares proeminentes da teosofia grega, especialmente em Heráclito e Platão. O sentido é muito amplo pois ele é o Princípio de todas as coisas, a origem do cosmos. Na teologia joanina, o Lógos é Jesus Cristo na qualidade de Messias pré-existente. Nos tempos da redação dos escritos joaninos havia muita discussão sobre o momento em que Jesus se tornara Messias. Para alguns Jesus era messias a partir do batismo; para outros a partir da ressurreição; outros afirmavam que ele era messias desde o seu nascimento. Usando este termo grego, o escritor joanino dá uma resposta teológica final: Ele era o Cristo desde sempre, desde o princípio.

tão assumindo a nova forma de vida segundo o Evangelho de Jesus Cristo. Para estes, vencer o Maligno era ter a força de superar os velhos paradigmas, as estruturas caducas das tradições, quebrar os padrões de ética racial criada por Esdras (Esd 9-10). Para aderir ao Evangelho e ao Novo Mandamento, muitas mulheres e homens enfrentavam crises familiares (consangüinidade), perseguições da sociedade, dos parentes e amigos. Os cristãos eram tratados como hereges, como maus e traidores das tradições judaicas, pois para viver o amor era preciso praticar a justiça social com o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro (Is 1,10-20). Mas o Maligno insistia nos privilégios dos judeus, das castas, da hierarquia, da corrupção social e religiosa. Estes recém nascidos no cristianismo tinham superado esses paradigmas e viviam uma experiência plural dentro de uma nova família (At 2,42-46).

i. *O Maligno* (tón ponêron)

O Maligno pode estar presente no pecado (*amartia* – 1,8), no mentiroso (*pseustês* 2,4), no Anticristo (*antichristos* – 2,18), no comportamento pervertido (*anomia* – 3,4). A posição central da 1Jo é que Deus é Luz (sinônimo de Verdade e Justiça) e o Maligno é Treva (sinônimo de Pecado, Mentira, Injustiça). O Maligno ensina o mal e rompe com a comunhão fraterna (*koinônia* 1,6), fonte da Luz e da unidade entre os irmãos e com o Pai. Por isso, para constituir uma família no amor é fundamental vencer o Maligno (2,13b).

A atuação do Maligno na família se dá quando ele consegue romper as relações de responsabilidade com os filhos e dá a liberdade destes se separarem, se divorciarem e deixar os filhos na carência do afeto, do bom exemplo e da segurança. O Maligno pode entrar pela porta dos filhos e estes não sentirem compromissos com seus pais, esquecendo o amor, a doação e tudo o que receberam na infância. É a incapacidade de reconhecimento de um amor recebido. Ele ainda pode atuar no desvio de conduta dos jovens, na entrega aos vícios e na ruptura das relações internas do lar. O Maligno faz o jogo da mentira, da treva, do ódio. O Maligno cria o ódio, um ódio sem motivos (Jo 15,25).

j. *Crianças* (paidía)[16]

Na estrutura familiar as crianças são as que mais exigem cuidados, atenção e preparação. As crianças serão os adultos de amanhã, mas elas dependem muito da "formatação" (de como são recebidas, acolhidas, orientadas e desenvolvidas)[17]. As crianças não são projeto, elas são realidade viva, presente e importante na vida dos adultos.

16. BAUER, W. *Wörterbunch zum Neune* Testament, p. 1198, define "*pais*" como infante, jovenzinho, criança. Deste termo surgem outros correlatos como *pedagogo, pedagogia* e outros.

17. Há estudos multidisciplinares que mostram a importância dos primeiros tempos de vida de uma pessoa como decisivos para o seu futuro. Para estudiosos da UFRS o ser humano nasce, praticamente formatado, com poucas opções de mudança a "posteriori". Alguns acreditam que o fim da "moldura" psicológica se dá por volta dos seis anos. Independentemente disso, no processo da vida cristã também ocorre algo semelhante: dependendo de como uma pessoa é inserida na comunidade ela vai viver esse jeito de ser, mais carismática, mais conservadora ou mais profética.

A criança pensa como criança e se não lhe for permitido agir como criança ela estará sendo tolhida na sua etapa da vida. Na orientação que o autor da Carta está passando para a Comunidade cristã, essas pessoas (jovens e adultas) precisam receber um carinho especial, uma compreensão própria de quem está "nascendo" outra vez. Como uma mãe que carrega no ventre um novo ser, ela não pode pensar só no futuro, precisa pensar no aqui e agora. O amor ao nascituro não será dispensado quando for jovem ou adulto, mas ainda no ventre, no espaço existencial do escuro, do silêncio e do diálogo dos sentimentos. A mesma pedagogia precisava ser dispensada aos que se propunham a começar outra forma de vida na comunidade cristã. Agora é a hora do amor, do perdão, da solidariedade e do carinho.

l. *Conhecestes o Pai* (egnôkate tón patéra)

Os pais conheceram Aquele que é desde o princípio, enquanto as crianças conheceram o Pai. As crianças aqui não são a parte mais jovem da comunidade, os que têm menos idade, mas os que, mesmo adultos, estão entrando na nova família e a partir deste encontro com Jesus Cristo, como crianças ou criaturas pequenas e humildes, conheceram o Pai (Jo 14,10-11 – "Quem me vê, vê o Pai"). No contexto da 1Jo, as crianças são os que estão sendo acolhidos pela comunidade. Estes já conheciam o Pai, pelas tradições dos judeus ou por outras fontes das religiões, mas agora estavam sendo acolhidos para conhecer Jesus Cristo. O Autor usa a psicologia do ancião, do velho experiente, da sabedoria do mestre para instruir a comunidade a quebrar os padrões convencionais onde os mais idosos, os mais antigos e os mais iniciados têm privilégios. Ele insiste na afetividade da comunidade como forma de garantir um espaço para todos. Estes novos cristãos tinham conhecido o Pai, mas pode ser que este Pai, mostrado pelas tradições tivesse um rosto deformado, terrível, sedento de vingança como os deuses da mitologia (Ex 19,9-25). Agora era preciso conhecer o verdadeiro rosto do Pai, revelado no Filho (Jo 5,19-23; 1Jo 1,1-3).

m. *Jovens* (neanískoi):

m. 1. *Sois fortes* (ischyrói esté) – Este é um belo conselho, um encorajamento para os novos cristãos. Geralmente o começo de tudo é entusiástico, mas depois o calor vai dando lugar ao frio e ao tédio. Estes novos cristãos estão cheios de coragem, de ânimo e luta. Eles são fortes por que venceram o Maligno (2,13b).

m. 2. *A Palavra de Deus permanece em vós* (ho logos tou Theou ménei) – O segredo da vitória contra o Maligno é a Palavra de Deus que permanece neles. O Evangelho está vivo, é uma semente que caiu em terra fértil e o fruto desta comunhão está sendo conhecido pelo vigor com que lutam contra o mal.

m. 3. *Vencestes o Demônio* (nenikêkate tón poneron) – Dar o testemunho do Evangelho em todas as circunstâncias não é fácil. O Demônio se manifesta de muitas formas (Jesus foi tentado três vezes, Mt 4,1-11 e par.), e quando ele é expulso, procura outros sete para derrotar quem o expulsou (Lc 11,26). Quem quer fazer parte desta

nova família necessita da coragem e da força destes novos discípulos que, não obstante o sofrimento e as perseguições, permanecem firmes na Palavra e na Ação.

3. Conselhos pedagógicos para o amor familiar[18]

A primeira Carta de João continua com uma série de ensinamentos no estilo pedagógico-familiar. Talvez se pudesse fazer uma síntese destes ensinamentos tomando a primeira exortação: *"Não ameis o mundo..."* (v. 15), pois o amor ao mundo sintetiza todo o pecado e todas as tentações. Quem ama o mundo não tem como ver a Luz, a Verdade e a Família. É preciso amar do jeito que Ele nos amou, assim se pode fazer da Comunidade uma família (Jo 13,34-35).

3.1 As propostas do mundo não correspondem ao amor do Pai

A família tem como papel principal encontrar os caminhos do amor que correspondem aos valores entre pais e filhos, a estima, a sinceridade e a fidelidade. Aos pais foi dito, desde o princípio (2,13) que o amor é o vínculo entre marido e mulher que faz dos dois uma só carne e um só pensamento (Gn 2,24). Esta unidade entre homem e mulher se transforma e transborda na unidade e no entendimento entre uma geração mais antiga com uma geração mais nova no âmbito da família, da relação pais e filhos. Aqueles que amam o mundo não cultivam o amor do Pai (2,15). Quem ama o mundo cultiva nele a treva, o pecado e provoca a ira humana e divina por que insere no mundo a violência e o ódio (Ap 22,15). O mundo ama o pecado, a injustiça, a violência e ódio. Estas propostas não são compatíveis com o amor do Pai que tipifica no Filho seu jeito de amar (1Jo 1,3).

3.2 Os desejos do mundo não são os desejos do Pai

Aquilo que está no mundo representa o desejo da carne por que está ligado ao poder da treva. Aquele que ama o mundo não ama ao irmão e por isso sua forma de viver é mentirosa (1Jo 2,4). A família deve resistir aos desejos do mundo, os pais precisam amar, perdoar e quando surgem crises de relacionamento, conduzir seus parceiros para o "deserto" e falar ao coração da sua pessoa amada a fim de reconquistar o primeiro amor (Os 2,16; Ml 2,15-16). A família precisa resistir às provocações do mundo, aos desejos de prepotência, mando, superioridade. Esses pecados existem desde o princípio e só podem ser superados com um amor profundo entre pais e filhos (1Jo 2,14). É preciso que a palavra de Deus permaneça a fim de que o amor vença o mal (1Jo 2,13). Os olhos enxergam os desejos próprios (1Jo 2,16), mas o amor vê a realidade da família.

3.3 O mundo passa, mas o amor permanece

No final de todas as coisas sobram três virtudes: a fé, a esperança e o amor, mas o amor é a maior delas e a última (1Cor 13,13). Todas as coisas passam, as casas, as ter-

18. Para estes conselhos familiares usamos como texto de apoio também os versículos 15-17, mas como não os trabalhamos na exegese, preferimos deixá-los fora da referência inicial.

ras, os campos, o bois, mas o amor permanece por que aquilo que ele constrói, nem a traça, nem a ferrugem, nem a corrupção destroem (Mt 6,19-21; Lc 12,33-34). Por isso, a família vive a dimensão do Novo Mandamento: "*Aquele que ama seu irmão está na luz e nele não se encontra o escândalo*" (1Jo 2,10). O amor profundo constrói relação de pessoas duradouras, no perdão, na caridade e na verdade.

4. Conclusão

O autor da 1Jo tem muita clareza das propostas e dos conselhos que dá. Ele, como dissemos acima, usa a psicologia do ancião, do Pai que tem uma longa experiência e força para encorajar os seus filhos. A comunidade é concebida como uma família, os anciãos são considerados como os pais. A família não é homogênea, pois nela estão os anciãos (pais/mães), os jovens (moças e rapazes) e as crianças. Essas categorias estão representadas nas pessoas mais experientes e firmes, nas que estão bem iniciadas e fortes e aquelas que estão recém começando a proposta de comunhão. Todas elas são importantes para a vida da comunidade, como todos os membros de uma família são importantes para constituir a felicidade dos pais e dos filhos.

A família (Comunidade) tem diante de si muitos perigos, muitas tentações e muitos inimigos que têm como finalidade destruir o amor. A tarefa de conservar o amor, de manter a estabilidade e de vencer o mal é de todos, mesmo que a responsabilidade primeira seja dos pais (anciãos), os jovens não estão livres desta colaboração. O amor familiar (social, patriótico) está sob a custódia de todos e cada um precisa empenhar-se para que ele possa acontecer.

O autor da carta parece estar muito consciente da força do mundo como atração traidora do amor familiar (comunitário). O mundo se apresenta sedutor, atraente, mas voraz e os que ele traga não devolve inteiros. Ele, como um monstro insaciável de sangue, se encarrega de devorar e fazer vítimas. Para que o amor familiar permaneça vivo, faz-se mister uma consciência muito clara destes perigos, destas tentações e destas ilusões fatais. As exortações passadas nesta carta apontam para uma necessidade da consciência política, da descortinação das falsas idéias, dos engodos aos quais os pais, os jovens e as crianças podem ser conduzidos.

As relações familiares perfeitas são um arquétipo usado pelo autor para falar da Comunidade cristã. O tom das exortações é amoroso, sereno e confiante. Usa o lado positivo da pedagogia, falando do valor do amor e do bem que faz *permanecer firme na Palavra para vencer o Demônio.* O demônio apresenta sempre como prioritária a vontade pessoal sobrepujando a vontade de Deus. A família, a partir dos pais, precisa conservar a palavra que lhe foi transmitida desde o princípio (1Jo 2,14) a fim de que o amor construa uma unidade na vontade do Pai e permaneça para sempre (1Jo 2,17).

Bibliografia

BAUER, W. *Wörterbuch zum Neuen Testament.* Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1971.

BROOKE, A. C. *The Johannine Epistles.* Edinburg: T&T Clark, 1994.

De VAUX, R. *Le Istituzioni dell'Antico Testamento.* Torino: Marietti, 1977.

GUIJARRO, Santiago Oporto. "La familia em ele movimiento de Jesús", *Estudios Biblicos* 61(2003), 65-83.

LIEU, Judith. *The Theology of the Johannine Epistles.* Cambridge/New York/Sidney: Cambridge University Press, 1991.

MAZZAROLO, I. *Apocalipse: esoterismo, profecia ou resistência?* 2ª. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2000.

—. *Nem aqui, nem em Jerusalém, Evangelho de João*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2000.

RENSBERGER, D. *1,2,3 John*.Nashville: Abingdon Press, 1997.

SCHNACKENBURG, R. *Cartas de San Juan – Version, introdución y comentario.* Barcelona: Herder, 1980.

isidoro@rdc.puc-rio.br
mazzarolo@ig.com.br
Rua Haddock Lobo, 266
Tijuca
20260-133 – Rio de Janeiro/RJ

Livros recebidos

Da Editora Vozes:

Peregrinação de Etéria. Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 140 x 210 mm, 140 p.

Joan Maria Vernet. *E tu, Maria, que dizes de ti mesma?* A história da Mãe de Jesus. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005, 140 x 210 mm, 253 p.

Antônio Tadeu Ayres. *Prática pedagógica competente.* Ampliando os saberes do professor. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 140 x 210 mm, 140 p.

Naldemir Maria Mandes. *Cidadania.* Coleção Dialogando e Refletindo, vol. V. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 210 x 280 mm, 42 p.

—. *O sentido da vida*. Coleção Dialogando e Refletindo, vol. VI. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 210 x 280 mm, p. 70.

Joselaine Silva Stürmer. *Reeducação alimentar na família*. Da gestação à adolescência. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 210 x 230 mm, 182 p.

Luzia de Maria. *Te cuida!* Beleza, inteligência e saúde estão na mira. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 160 x 230 mm, 180 p.

Pierre Dukan. *Dicionário de dietética e de nutrição*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005, 160 x 230 mm, 439 p.

Vera Barros de Oliveira. *Jogos de regras e a resolução de problemas*. Col. Brinquedo, educação e saúde. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 120 x 180 mm, 92 p.

Viviane Mayer Daldegan. *Construir paz e solidariedade!* Subsídios para a Campanha da Fraternidade. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 120 x 18 mm, 38 p.

Almir Ribeiro Guimarães. *Meditações para um tempo novo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 140 x 210 mm, 155 p.

Isauleta Waldrich – Marina M.D.Dionysio – Osneli Bruzamolin. *Álbum catequético-litúrgico – Ano A – 2005*. Petrópolis: Ed. Vozes e Curitiba: Arquidiocese de Curitiba, 2004, 170 x 240 mm, 54 p.

Canísio Mayer. *Na dinâmica da vida*. Dinâmicas criativas para diferentes momentos da vida. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 160 x 230 mm, 134 p.

São Cirilo de Jerusalém. *Catequeses* mistagógicas. Introdução e notas de Frei Fernando Figueiredo. Petrópolis, 2ª edição, 2004, 135 x 210 mm, 68 p.

Carmen Lúcia Fornari Diez e Geraldo Balduíno Horn. *Orientações para elaboração de projetos e monografias*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 160 x 230 mm, 122 p.

Francisco di Biase e Richard Amoroso (orgs.). *A revolução da Consciência.* Novas descobertas sobre a mente no século XXI. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, 140 x 210 mm, 302 p.